

MATERIAL DIDÁTICO

Programa Educativo
Fundação Iberê Camargo

IONE SALDANHA O TEMPO E A COR

A exposição retrospectiva de Ione Saldanha (1921-2001) acontece em um momento importante de releitura da história da arte brasileira, tendo em vista a necessidade de ampliação dos seus momentos referenciais. Sendo uma artista que viveu de dentro a passagem do modernismo dos anos 1940 para a experimentação concreta e neoconcreta da década seguinte, ela soube rever as possibilidades da pintura sem perda da sua coerência poética.

O início da sua trajetória caracteriza-se por uma pintura figurativa, marcada por cores escuras, sombrias e interiorizadas. Voltada para cenas mais intimistas, via a pintura como crônica de uma experiência de mundo solitária e isolada. Há nas fachadas reincidentes em suas telas uma opção pelo Brasil colonial, pelas ruas antigas de Ouro Preto ou da Bahia, ainda não contaminadas pela agitação e pelo movimento das cidades modernas. O seu olhar está voltado para dentro e para o passado, não obstante sua composição já afirmar os valores de superfície sobre a ilusão naturalista do espaço tridimensional.

Em meados da década de 1950, as fachadas vão se transformando em notações geométricas, que se são mais simples do ponto de vista da construção figurativa, são bem mais complexas no que diz respeito ao jogo rítmico de formas e cores. A pintura fica mais ventilada e o olho corre mais solto pela superfície da tela.

Entre o final da década de 1950 e meados da década seguinte, ela vai conquistando sua maioridade poética, seu estilo singular no qual descontração e vibração se complementam e se potencializam. Depois de um flerte com o informalismo, ela vai se aproximando da experimentação com os mais variados suportes e, aos poucos, vai soltando

a cor no espaço. Para isso faz uso de materiais precários, pedaços de ripa, bambus e bobinas, dando-lhes uma extraordinária pulsação lírica. A beleza é na sua obra uma afirmação singela do existir, um dizer sim à vida. É a própria artista quem diz ao tratar de sua primeira exposição com as bobinas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1971: “pegar um objeto de função perfeita e perfeito na simplicidade de sua forma útil. Transformá-lo numa coisa gratuita, inútil, não usável, mas de necessidade total: sair da gente mesma fora do tempo, no gratuito total”.

Sua sensibilidade recolhida e atemporal nunca esteve voltada para as oportunidades de ocasião. Isolava-se para ser menos pessoal. Sua personalidade serena não a empurrava para a linha de frente dos combates estético-políticos, mantendo-a quieta no ateliê, no trabalho sempre lento de filtrar a novidade através de sua sensibilidade desacelerada. Sua poética não rompe fronteiras, mas cristaliza conquistas, assumindo uma respiração menos sôfrega e mais ritmada na superfície da tela. Isso se transfere para o olhar do espectador, que é convidado a respirar junto da tela, a segurar o tempo, suspender a pressa, aquietar-se.

Luiz Camillo Osorio

Curador da exposição

IONE SALDANHA (1919 – 2001)

Ione Saldanha nasce em Alegrete, no Rio Grande do Sul, em 1919. Seu interesse pelas artes manifestou-se ainda na juventude, ao se deparar com uma revista que trazia a reprodução, em preto e branco, de uma obra de Henri Matisse. No entanto, é apenas na década de 1940, com sua mudança para o Rio de Janeiro, que Ione inicia seus estudos na área.

Em 1948, a jovem artista passa a frequentar o ateliê de Pedro Luiz Correia de Araújo, com quem buscou aprofundar seus conhecimentos acerca da pintura. Nessa época, Ione realiza seus primeiros trabalhos, os quais lhe valeram uma medalha de bronze no Salão Nacional de Belas Artes / Divisão Moderna.

Três anos após sua chegada à capital fluminense, Ione viaja para a Europa. Lá, a artista passa por cidades como Paris (França) e Florença (Itália), onde se dedicaria ao estudo da técnica do afresco. Para Ione, esse foi um período de grandes descobertas e aprendizagens nos museus europeus.

Seu retorno ao Brasil se daria apenas em 1956. Durante o final da década de 1950 e início da década de 1960, suas obras participam de diversas mostras nacionais e internacionais, como a “Mostra Itinerante Arte Moderna no Brasil”, em Buenos Aires e Rosário, na Argentina; a mostra coletiva “Arte Brasileira”, em Munique, Viena, Utrecht, Amsterdã, Lisboa e Paris; além de várias exposições individuais em Santiago, Rio de Janeiro, Berna e Roma.

A partir de 1968, Ione passa a utilizar diferentes suportes em seus trabalhos, como ripas de madeira, bambus e bobinas para cabos elétricos. Esses materiais marcariam sua produção nos anos subsequentes, permitindo que as cores e formas tão características de sua obra libertem-se da bidimensionalidade e se projetem para os ambientes.

A artista faleceu em 2001, no Rio de Janeiro. No mesmo ano de sua morte, é realizada a retrospectiva “Ione Saldanha e a Simplicidade da Cor”, no Museu de Arte Contemporânea de Niterói - MAC/Niterói.

MATERIAL DIDÁTICO

O material inclui:

5 pranchas informativas com reproduções de obras da exposição “Ione Saldanha: o tempo e a cor”. A seleção foi realizada pelo curador Luiz Camillo Osorio, a fim de que o material contemplasse uma mostra significativa das obras presentes na exposição. Em cada prancha, há informações sobre a obra em questão, assim como o item “Para pensar”, no qual são sugeridos tópicos e indagações para discussão em sala de aula;

Breve texto sobre a exposição e uma pequena biografia de Ione Saldanha, complementares às informações trazidas nas pranchas;

Atividades que tratam de aspectos tanto formais, como poéticos, visando à experimentação artística por parte dos alunos.

ATIVIDADES

Sugerimos aqui algumas atividades a partir da exposição “lone Saldanha: o tempo e a cor”. As propostas não estão organizadas por faixa etária, cabendo ao professor escolher aquelas que julgar mais adequadas ao grupo com o qual irá trabalhar.

1. Paisagem singular

O início da trajetória de lone Saldanha se caracteriza por uma pintura figurativa, em especial aquela dos casarios coloniais. Tratava-se de uma figuração sem profundidade, que dá lugar, não muito tempo depois, a obras de notações mais geométricas. Sua pintura de paisagem, no final da década de 1950, já não é “muito semelhante à paisagem real, mas muito semelhante a uma paisagem de lone Saldanha”.¹ Inicialmente, discuta com os alunos quais seriam as características de “uma paisagem de lone Saldanha”. Depois, proponha que eles mesmos criem um modo particular de conceber uma paisagem (a paisagem do João, da Lúcia, do Pedro, da Mariana...). Isso poderá ser feito pelo uso de uma paleta restrita de cores, ao dar um formato especial a determinados objetos, ao utilizar sempre o mesmo pano de fundo para cenas diversas, etc. Para tanto, sugere-se que os alunos produzam, pelo menos, três trabalhos, a fim de que a turma possa identificar características da “paisagem singular” de cada um.

2. Detalhe visível

“Um aspecto importante na pintura de lone Saldanha [...] é o modo como ela quer pintar o mundo sem ser ilustrativa, sem repetir ou copiar a coisa vista. Ela pega o detalhe miúdo, o resíduo do que passa sem ser percebido e traz à visibilidade, explicitando-o e pondo-o a descoberto”.² Uma das maneiras que encontrou para fazer isso foi pelo uso da cor. No fim da década de 1960, quando passa a utilizar novos suportes, lone “pega o detalhe miúdo” de uma bobina, por exemplo, e projeta uma ou mais cores sobre ela, direcionando o olhar a pontos que talvez passassem despercebidos pelo espectador. Divida a turma em grupos e distribua a cada um deles um objeto em que possam, com tinta, dar visibilidade a um ou mais detalhes que direcionem a atenção de quem olha. Antes de pintar o objeto, porém, é preciso que os alunos o observem atentamente, destacando os pontos de maior interesse.

3. Suplemente estético

lone Saldanha dirigia uma atenção especial aos objetos do cotidiano, ao dar-lhes uma decoratividade muito própria. Para a artista, embelezar as coisas era uma forma de dar-lhes mais vida, de acrescentar ao seu uso e função um suplemento estético. Peça aos alunos que escolham um objeto de uso comum e realizem uma intervenção, com a intenção de despertar um prazer estético no espectador. Como ponto de partida, sugere-se que a turma pense em quais são os objetos, paisagens e cores que mais gostam de olhar e tentem explicar o porquê. A partir das respostas, cada um inicia sua intervenção.

1 CARDOSO, Lúcio. *lone Saldanha*. Rio de Janeiro: MAM RJ, 1959.

2 OSORIO, Luiz Camillo. *lone Saldanha: o tempo e a cor*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012, p. 13.

REFERÊNCIAS

OSORIO, Luiz Camillo. *Ione Saldanha: o tempo e a cor*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012.

CARDOSO, Lúcio. *Ione Saldanha*. Rio de Janeiro: MAM RJ, 1959.

DUARTE, Paulo Sérgio. Modernos fora dos eixos. In: FERREIRA, Glória (Org.). *Crítica de arte no Brasil: temáticas contemporâneas*. Rio de Janeiro, Funarte, 2006, p. 127-134.

GASTAL, Susana. Ione Saldanha. *Jornal do MARGS*. Porto Alegre, nº 67, abril de 2001. Disponível em: http://www.margs.rs.gov.br/ndpa_sele_ione.php

MORAIS, Frederico. *Ione Saldanha*. Rio de Janeiro: Paço Imperial, 1996.

INTERNET

www.itaucultural.org.br

www.cultura.gov.br

www.museuparatodos.com.br

Material Didático exposição Ione Saldanha: o tempo e a cor: Concepção e textos Laura Habckost Dalla Zen, Camila Monteiro Schenkel e Cristina Yuko Arikawa **Projeto Gráfico e Diagramação** Adriana Tazima **Impressão** Gráfica Trindade **Tiragem** 300 unidades **Agradecimentos** Luiz Camillo Osorio, Adriana Boff, Carina Dias e Laura Cogo.



Fundação **Iberê Camargo**

Fundação Iberê Camargo

Conselho de Curadores

Beatriz Johannpeter
Bolívar Charneski
Carlos Cesar Pilla
Christóvão de Moura
Cristiano Jacó Renner
Domingos Matias Lopes
Felipe Dreyer de Ávila Pozzebon
Jayme Sirotsky
Jorge Gerdau Johannpeter
José Paulo Soares Martins
Justo Werlang
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Maria Coussirat Camargo
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Sérgio Silveira Saraiva
William Ling

Presidente do Conselho de Curadores

Maria Coussirat Camargo

Presidente Executivo

Jorge Gerdau Johannpeter

Diretores

Carlos Cesar Pilla
Felipe Dreyer de Ávila Pozzebon
José Paulo Soares Martins
Rodrigo Vontobel

Conselho Curatorial

Fábio Coutinho
Icleia Borsa Cattani
Jacques Leenhardt
José Roca

Conselho Fiscal (titulares)

Anton Karl Biedermann
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Pedro Paulo de Sá Peixoto

Conselho Fiscal (suplentes)

Gilberto Bagaíolo
Gilberto Schwartzmann
Ricardo Russowski

Superintendente Cultural

Fábio Coutinho

Gestão Cultural

Pedro Mendes

Equipe Cultural

Adriana Boff
Carina Dias de Borba
Laura Cogo

Equipe Acervo e Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert
Alexandre Demétrio
Gustavo Possamai
José Marcelo Lunardi

Equipe Educativa

Laura Habckost Dalla Zen
Camila Schenkel
Cristina Arikawa

Mediadores

André Fagundes
Diego Farina
Fabrício Teixeira
Heloísa Marques
Iara Collet
Jerônimo Milone
Lilian Reis
Lívia dos Santos
Lucas Lima Fontana
Michel Flores
Natalha Chula
Romualdo Correa

Equipe de Catalogação e Pesquisa

Mônica Zielinsky
Talitha Bueno Motter
Marcos Fioravante de Moura

Equipe de Comunicação

Elvira T. Fortuna

Website

Lucianna Silveira Milani
Isabel Waquil

Superintendente Administrativo/Financeiro

Rudi Araújo Kother

Equipe Administrativo/Financeira

José Luis Lima
Ana Paula do Amaral
Carlos Huber
Carolina Miranda Dorneles
Emanuelle Quadros dos Santos
Joice de Souza
Margarida Aguiar
Mária Lunardi
Roberto Ritter

Assessoria de Imprensa

Neiva Mello Assessoria em Comunicação

Consultoria Jurídica

Ruy Remy Rech

TI Informática

Jean Porto

Manutenção Predial

TOP Service

Segurança

Elio Fleury
Gocil Serviços de Vigilância e Segurança

Exposição

Ione Saldanha: o tempo e a cor

Curadoria

Luiz Camillo Osorio

Artista

Ione Saldanha

Identidade Visual

Adriana Tazima

Av. Padre Cacique 2.000
90810-240 | Porto Alegre, RS Brasil
tel [55 51] 3247-8000

Agendamento tel [55 51] 3247-8001
agendamento@iberecamargo.org.br
www.iberecamargo.org.br

Saiba como patrocinar a Fundação Iberê Camargo,
entre em contato: pelo fone [51] 3247.8000
ou pelo email institucional@iberecamargo.org.br
www.iberecamargo.org.br

Ministério da Cultura apresenta

IONE SALDANHA O TEMPO E A COR



Patrocínio



GERDAU



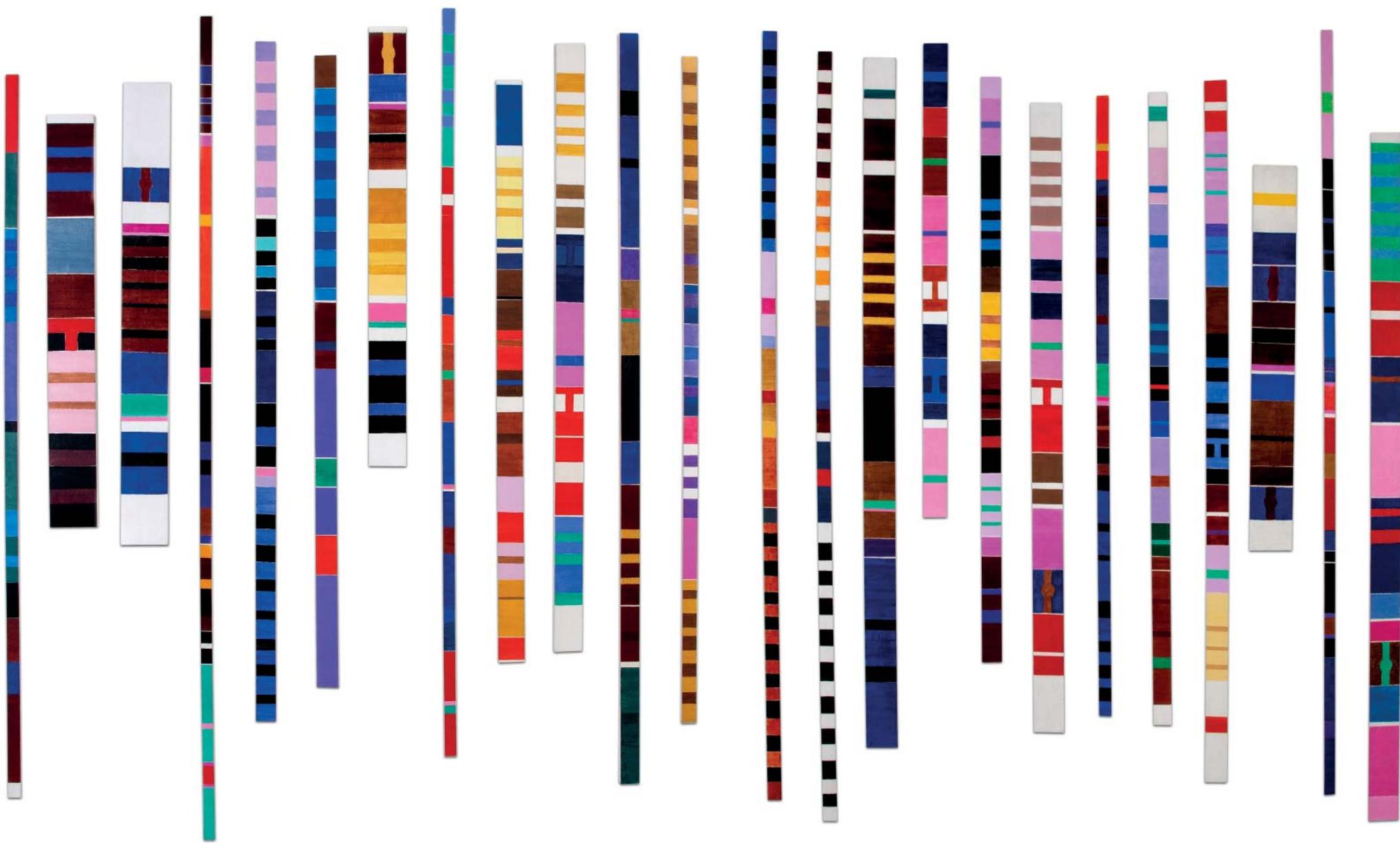
Apoio



Realização

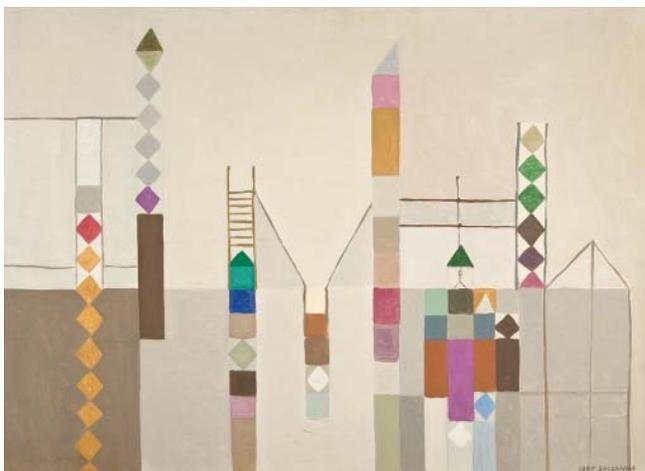
Ministério da
Cultura





IONE SALDANHA

Ripas (24), 1991
acrílica sobre madeira
172,5 x 124 cm
col. Roberto Marinho
foto: Cristina Isidoro



Aparelhos, 1956
óleo sobre tela
64 x 91,5 cm
col. Marcia e Luiz Chrysostomo
foto: Jaime Acioli

A arte da segunda metade do século XX é marcada por um desejo de questionar os suportes, técnicas e valores da obra de arte tradicional. Entre as décadas de 1950 e 1960, artistas brasileiros ligados à tradição construtiva experimentam formas de projetar a cor para além do plano da pintura. Trabalhos como os *Bichos*, de Lygia Clark, ou os *Bólides* e *Parangolés*, de Hélio Oiticica, são exemplos dessa produção, que procura passar do estímulo visual para a ativação de nossos sentidos como um todo.

Atuando no mesmo Rio de Janeiro que esses artistas, mas sem filiar-se a nenhum grupo, Ione Saldanha também realiza seu salto para fora da tela. Em 1968, a artista apresenta seu primeiro trabalho com ripas de madeira pintadas. Ao trocar o quadro por objetos que se espalham no espaço, Ione dá continuidade a sua pesquisa de construção por meio da cor, levando seus retângulos e quadrados para outros formatos e superfícies. O crítico Frederico Moraes sugere que a origem dessas ripas está localizada na própria pintura de Ione: é como se “aquelas estruturas verticais recorrentes em sua pintura tivessem abandonado o quadro para se colocarem diretamente no espaço real, livres e soltas (...)”.¹

Para pensar

Ao passar da tela para a ripa, como você classificaria o trabalho de Ione: uma pintura? Escultura? Instalação? Um mero objeto? Que características da pintura da artista permanecem após a mudança de suporte?

¹ MORAIS, Frederico. *Ione Saldanha*. Rio de Janeiro: Paço Imperial, 1996.





IONE SALDANHA

IONE SALDANHA

Casario Bahia, déc. 1950
óleo sobre tela
65 x 77 cm
col. Maria Cristina Saldanha Milliet
foto: Jaime Acioli



sem título, s.d
óleo sobre tela
52,3 x 83,2 cm
col. João Sattamini
comodante MAC de Niterói
foto: Jaime Acioli

Nascida em Alegrete, em 1919, Ione Saldanha inicia sua formação artística no Rio de Janeiro, na década de 1940. A investigação da artista logo se voltaria para a pintura, principal meio de expressão em sua obra. Os trabalhos produzidos por Ione na década de 1950 são figurativos, muitas vezes retratos e pinturas de cenas cotidianas. No entanto, a série de casarios que pinta, como *Casario Bahia*, já revela uma inclinação para a abstração e o uso da geometria para ordenar e construir o espaço pictórico. Ao abandonar a tradição da representação de um espaço tridimensional criado pela perspectiva, as casas de Ione parecem estar cada vez mais próximas do plano da tela e do próprio espectador.

Nesta fase começam a aparecer as cores brilhantes que, futuramente, serão o ponto central do trabalho da artista. Elas, porém, ainda se misturam aos pretos e marrons, dando sombra e densidade ao interior das casas coloniais, típicas das cidades históricas mineiras e baianas – temas centrais no início da carreira de Ione.

Para pensar

Durante sua vida, Ione passou por diferentes cidades. Nasceu em Alegrete, estudou em Florença e em Paris, mas escolheu o Rio de Janeiro como morada permanente. Que elementos da cidade a artista representa em sua pintura? É possível identificar sua localização ou existem muitos lugares parecidos com aqueles que Ione pinta? Como é essa cidade? Antiga, moderna, tranquila, ou agitada? Quem pode habitá-la?





IONE SALDANHA

Cidade, 1963
óleo sobre tela
54,4 x 76 cm
col. Gilberto Chateaubriand MAM RJ
foto: Jaime Acioli



Detalhe: *Cidade*, 1963

A pintura figurativa dos casarios é o ponto de partida para as abstrações que Ione Saldanha produz durante os anos 1960. Paredes e janelas vão se transformando em formas dissolvidas que nos remetem, quase sempre, a quadrados e retângulos. A fluidez com que Ione pinta essas formas, no entanto, a diferencia do rigor geométrico das correntes construtivas brasileiras,¹ bastante importantes para a época.

Na medida em que a obra se desenvolve, a paleta de cores da artista vai mudando, tornando-se mais clara e cuidadosamente escolhida. Nas palavras de Lúcio Cardoso, é essa flexibilização da forma que abre espaço para uma maior atenção da artista em relação à cor. Livre do “cárcere dos losangos e quadrados (...), sua visão fundamentalmente musical e pictórica fará com que ela cada vez mais necessite de espaços amplos, solitários e vazios, onde possa gravar sua impressão cada vez mais adulta da cor”.²

1 Fazemos referência aqui ao trabalho dos grupos *Ruptura* (atuante em São Paulo ao longo da década de 1950), *Frente* (articulado no Rio de Janeiro entre 1954 e 1956), e *Neoconcreto* (formado no Rio de Janeiro em 1959) os quais, com suas respectivas particularidades, privilegiavam uma arte construtiva e não-representativa.

2 CARDOSO, Lúcio. *Ione Saldanha*. Rio de Janeiro: MAM RJ, 1959.

Para pensar

Pergunte aos alunos o que eles entendem quando Cardoso compara a forma geométrica a uma espécie de cárcere. Em nosso cotidiano também existem formas que restringem nossa liberdade? Quais?

Pesquise com a turma artistas que trabalham somente com geometria. No que o trabalho deles difere do de Ione?





IONE SALDANHA

sem título , s.d
acrílica sobre madeira
80 x 49(Ø) cm
col. João Sattamini
comodante MAC de Niterói
foto: Jaime Acioli



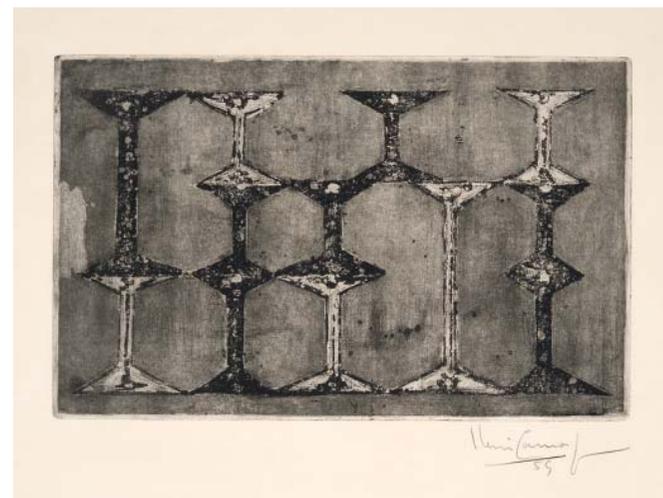
Estudo para bobinas, déc. 1970
acrílica sobre papel
21,5 x 32,5 cm
col. Gilberto Chateaubriand MAM RJ
foto: Jaime Acioli

Carretéis, 1959
água-tinta (crayon litográfico e processo do açúcar)
25 x 39,8 cm
col. Maria Coussirat Camargo,
Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre
foto: Fábio del Re

1 OSORIO, Luiz Camillo. *Ione Saldanha: o tempo e a cor*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012, p. 16.

Das ripas e bambus, a pintura de Ione Saldanha recoloca-se em outro tipo de objeto de madeira: as bobinas industriais em que se enrolam cabos elétricos. Para Luiz Camillo Osorio, as bobinas, assim como os bambus, “acrescentam mais um movimento do desprendimento das cores que agora se integram (...) às coisas cotidianas, à paisagem recorrente do nosso dia a dia”.¹

A eleição de um objeto industrial como ponto de partida para o processo artístico aproxima Ione Saldanha de Iberê Camargo. Nos dois casos, os artistas aproveitam o esqueleto de madeira que serve para enrolar os fios de luz, no caso da primeira, ou a linha de costura, no caso do segundo, dando-lhe papéis diferentes. Enquanto Iberê usa o carretel como referência para suas pinturas, gravuras ou desenhos, Ione se vale das bobinas como suporte da sua pintura, recobrando-as com cores vivas e simples.



Para pensar

Como a pintura de Ione transforma esse objeto? Ainda podemos perceber sua função original? E suas qualidades? Sua forma, seu peso, sua condição de material industrial parecem os mesmos?



IONE SALDANHA

sem título, 1971
têmpera sobre bambu
144 x 16(Ø) cm
col. Marta e Paulo Kuczynski
Foto: Alexandre dos Santos Silva



Bambu I, II, III, IV, V, 1972
tinta sobre bambu
Da esquerda para a direita:
239 x 9(Ø) cm | 252 x 10(Ø) cm | 258 x 8(Ø) cm |
242 x 11(Ø) cm | 272 x 6(Ø) cm
col. Museu de Arte Contemporânea do Paraná
foto: Kraw Penas

Para pensar

O uso de materiais do cotidiano é frequente em trabalhos de arte contemporânea, a exemplo dos bambus, ripas e bobinas de Ione Saldanha. Discuta com os alunos as semelhanças e diferenças entre a arte que encontramos em museus, o artesanato e o design. Como se estabelecem essas fronteiras?

Um pouco depois de começar a trabalhar com as ripas, Ione Saldanha passa a usar também grandes pedaços de bambu como base para sua pintura. A questão da verticalidade e da cuidadosa composição cromática é mantida, mas agora a pintura dá a volta completa em seu suporte, encapsulando-o. Os bambus são expostos tanto no chão como suspensos, criando um espaço de circulação em seu entorno.

Nesse período, nas palavras da própria artista, só lhe interessavam “as verticais de cores”¹, formadas por pinceladas econômicas e cores quase infantis. Sobre esse uso inteligente da cor, Luiz Camillo Osorio vê na pintura de Ione “a aproximação entre o experimental e o tradicional, o lúdico e o cerebral, o sensível e o intelectual”.² Além disso, o suporte e a maneira como são pintados os bambus, por exemplo, com a inscrição de faixas coloridas que o circundam, aproximam o trabalho da artista do universo dos totens tribais e, em especial, da cultura popular brasileira.

1 SALDANHA, Ione. Apud: OSORIO, Luiz Camillo. *Ione Saldanha: o tempo e a cor*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012, p.17.

2 OSORIO, Luiz Camillo. *Ione Saldanha: o tempo e a cor*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012, p. 18.

